

# o BRASIL ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.



**Cópo e Número:**  
6 mezes 8.000, Um anno 16.000.  
As oito paginas avulsas 1.000.

**N. 3. Vol. I — Terça feira 15 de Maio de 1855.**  
Escreptorio, rua d'Ajuda, 79.

**Provincias e Exterior:**  
6 mezes 10.000, Um anno 20.000.  
As dezasseis paginas avulsas 2.000.

## Numeração.

O Sr. Irineo Evangelista de Souza, Barão de Mauá. — Inauguração do Imperial caminho de ferro de Petropolis. — POESIAS, Litterarias sentidas. — Bellas Artes. A architectura official. — VARIETADES, Observações curiosas. — Páginas de uma vida obscura. (Continuação.) — Revista da quinzena. — GRAVURAS, O Sr. Barão de Mauá. — Caminho de ferro de Petropolis.

## O Sr. Irineo Evangelista de Souza, Barão de Mauá.

O elogio que se prodigaliza aos contemporaneos quasi sempre que se toma como um perfume que offerece o hurbulo da lisonja; porém mal entendida é as vezes essa acceção, porque os encomios tributados ao verdadeiro merito devem ser uma remuneração, que de justiça deve fruir quem bem mereceu, visto que as recompensas tardias das glorias posthumas não são as mais das vezes, se não o pagamento de uma divida, que se affecta satisfazer porque já não ha credor.

Nos paizes mais cultos da moderna sociedade, nesses paizes em que uma solida instrução e um bem entendido jus as affeições sociaes estabelece e demarca a tarifa das recompensas deferidas aos homens, que se constituirão credores de seus coevos; nesses paizes, em somma, em que o fogo das mãos da inveja não cresta e murcha as flores da coroa civica, que se quer pôr sobre a fronte dos contemporaneos, ninguém censura; ao contrario todos se unem do coração para tal fim, entoando um hymno de louvores a todos aquelles que por seus feitos em quaesquer generos de serviços humanitarios se tornaram dignos de taes honras. Conveni-



attendendo ao reconhecido merecimento, especiaes qualidades e distinctos actos do Brasileiro, sobre quem quero chamar por um modo mais saliente a attenção publica, com todo o denodo do homem que tem a consciencia de assumir sobre si a responsabilidade de uma nobre causa, apresento-lhe

pois como candidato aquellas honras, o Sr. Irineo Evangelista de Souza, Barão de Mauá.

Almejava, se coubesse nos limites de meu mequinh talento, ser um dos homens que contribuisse para que o nome, do Sr. Barão de Mauá fosse transmittido a posteridade orlado com a aureola de gloria, que seus beneficos feitos lhe tem granjeado: mas deixando semelhante tarefa a mais altas capacidades que não a minha, e conscio de que é o merito quem a si proprio se recommenda, tenho toda a certeza de que a historia lhe fará a devida justiça, contentando-me com offerecer-lhe neste concurso litterario, apenas coeva recordação do seu futuro renome.

Na verdade, quando se estudão certos homens, principalmente os contemporaneos, o observador não se occupa com elles, indagando na sua apreciação, os factos que constituem nem sua vida intima nem mesmo sua vida publica, considerada esta só em relação as acções que distinguem o individuo na massa commum dos homens, dando-lhe uma importancia social e uma posição mais ou menos elevada em virtude dos resultados immediatos provenientes do merito e valor daquellas acções.

Estudo semelhante, pertence mais á historia, ou para bem dizer, á biographia a quem compete o pleno dominio do passado;

embora por sem duvida se não possam extremar de todo os feitos dessa vida sobre que tenha de recahir e do chamarmos a attenção nossa e a de outrem, daquelles actos que constituem para assim dizer o fundo do painel sem o qual este não poderia existir.





de applicação que encontrão quasi todas as demais sciencias experimentaes; congo, que, se não devem maravilhar os entendedores de boa fé, reparando, que da exposição de doutrinas já aventadas por diversos economistas antolhando-as, sob aspecto differente do que elles o fizeram, ora dellas tire conclusões contrarias ás suas.

Affirmei e sustento que a alliança do commercio exterior com o commercio interior, em um paiz qualquer, maxime quando esse paiz acha em seu seio immensos recursos para fornecer á industria os necessarios elementos de uma vasta plenitude; affirmei que era a condição positiva não só da sua crescente prosperidade, mas da consolidação de um futuro estado para a conservação da riqueza publica e particular: pois que sem esse elemento ella poderia ter a existencia deslumbante porém ephemera que muitos factos na historia commercial das nações nos podem asseverar: dos quaes alguns depois mencionarei. Antes porém de occupar-me com os detalhes da maneira porque julgo que o Sr. Barão de Mauvass comprehende e vai satisfazendo essa exigencia no Brazil, onde infelizmente materia de tanta monta tinha sido deixada a cargo das fatalidades do acaso ou para melhor dizer entregue á especulação de quem com mais experiencia e estudo da materia buscou dissonar o partido que poude: antes de chamar a attenção sobre esse topico da questão, vou procurar meios de exhibir provas conducentes a confirmar a primeira parte do que asseverei.

Celebres Economistas de criterio summamente conceituado, tendo por conseguinte adquirido por isso o jus de autoridades na materia: Economistas deste jaz, e verdade que disserão, que o commercio exterior era o ponto culminante da industria commercial, da qual é o principio o mais activo. Segundo Bacon, o commercio exterior é quem constitue a principal riqueza dos estados. Quando o o commercio exterior cessa, a riqueza experimenta uma notavel alteração assim como sensível mingoa. Não é aqui o ensejo de accumular citações, que muitas mais se poderia apresentar: por isso terminarei dizendo que, em resumo os partidistas do exclusivismo em tal opinião sustentando que o commercio exterior é manancial inexaurível de riquezas, dizem que é um preconceito não talvez ainda inteiramente desarraigado, o crer-se que o commercio interior é mais vantajoso a uma nação de que o é o commercio exterior.

Não contestarei e quasi que é hoje impossivel contestar-se a utilidade do commercio exterior, embora algumas ponderações já tenham sido allegadas para semelhante fim, mas tomando a questão no sentido que julgo deve ser a sua genuina applicação, dizendo com Say que, a circumstancia de um commercio exterior é muito propria a vivificar a industria interior de um paiz, não obstante a asseveração de M. Say, cercarei a parte que elle aponta a semelhantes palavras, qual a das expressões de: — *quequer que seja seus meios* — pois que sendo um facto hoje plenamente justificado que o commercio é activo ou passivo para uma nação: ou conforme ella faz por si mesma o jogo mercantil dos productos, tanto os de seu solo e de sua industria, como o dos que tem necessidade de importar dos paizes estrangeiros: ou então conforme ella apoiando-se sobre a actividade de um povo estranho, lhe abandona o cuidado daquella tarefa com prejuizo infallivel por certo de sua riqueza e de sua prosperidade, como por exemplo succedem a Portugal, a Hespanha, a uma grande parte da Italia e da Alemanha; a Turquia, a Russia, etc., etc., e a nós tem succedido por causas que depois indicarei; e isto em proveito da Inglaterra, da Hollanda, da mesma França e ate um certo ponto de alguns paizes do Báltico, a Suecia, a Dinamarca. Por conseguinte embora muito vantajoso seja e até segundo me ver mego de extrema necessidade um commercio estrangeiro, me persuado que elle deve ser admittido mediante certos limites e condições, que não devem é verdade provir de maneira alguma de

medidas restrictivas, dimanadas dos poderes de um estado, nem tambem de uma opposição mal entendida e absurda da parte dos habitantes do paiz importador: porque no primeiro caso, seria querer prevenir um mal pela imposição de outro maior, e no segundo, afugentar a riqueza paralyzando a sua circulação e atalhar o mais poderoso elemento civilizador, qual o contacto constante dos diversos povos da terra em seu curso necessario, porque de certo, como muito bem disse um abalizado Economista: a verdadeira utilidade do commercio exterior, aquella em comparação da qual todas as mais nada valem, é o estabelecer entre as differentes nações, as mesmas relações que o commercio interior estabelece entre as differentes partes da mesma nação, isto é, para assim dizer, estabelecendo um estado de sociabilidade entre todas, engrandecendo assim a extensão do mercado para todas ellas, e por esse meio augmentar ainda as vantagens do commercio interior de cada uma.

O meio de se conseguir que o commercio exterior preste toda a somma dos beneficios de que elle é susceptivel, consiste portanto em fazer que elle seja o apoio, o alimento por algum modo do commercio interior. Merece o commercio interior uma protecção especial, posto que elle contribue poderosamente para dar á industria o mais amplo desenvolvimento em todos os seus ramos. A sua introdução e os seus progressos, são uma necessidade primitiva precedendo a do outro, em todos os estados que as privas de emancipar-se de tutela estranha e de constituir-se um dia nas circumstancias de poder exercer o commercio activo, sem o que elles jamais attingirão o apogeo da grandeza social e de uma posição estavel e conservadora.

Por mingoa desse predicado, Genova, Veneza, Portugal, a Hespanha, e a Hollanda, embora mesmo alguns desses paizes tivessem exercido um commercio activo, no entanto tendo-se quasi que exclusivamente entregado ao commercio estrangeiro, que fizeram em vasta escala, por mingoa daquelle predicado, teve lugar a sua decadencia, restando a algumas de um grande desenvolvimento de forças maritimas e de um apparato faustoso de extensas riquezas quasi que a miseria. Pode ser que se allegue que não foi só devido a essa causa, que outras mais poderosas contribuirão para isso, mas estude-se a historia da Grã Bretanha, e compare-se-a com a da França contemporanea, e me persuado que a conclusão será reconhecer-se, que o commercio d'ultra mar teria arruinado a Inglaterra, se os recursos do interior não tivessem contrabalançado os prejuizos provenientes de muitas e successivas catastrophes que derão origem a guerras dispendiosas, a inumeros perigos, finalmente a essa espantosa divida publica e a continuos embargos financeiros, que, muitas vezes unicamente lhe tem sido possível solvel-os, mediante aquelles recursos do interior e os fornecidos por suas numerosas colonias as quaes completamente participão de identica natureza. Pelo contrario a França, mesma privada de suas colonias, e no momento em que o conflicto de ruinosas e prolongadas guerras parecia que vedando-lhe toda a nutricao de alheia lavra lhe devia esgotar suas forças vitais, longe disso, systema continental o fez com que ella tirando partido do que parecia ser uma calamidade promovesse a creação de uma vasta industria, lançasse por toda a parte os alicerces de um animado commercio interior e por meio delle conseguisse a accumulção dessas riquezas, que, desde o tempo do primeiro império até a actualidade se tem ido amontando nas suas cidades centraes. O mar lhe tinha negado seus recursos, porém desde então, Paris, Lyon, Nantes, Rouen deverão ao commercio interior uma influencia que nunca mais perderão, embora de novo se reanimasse a acção do commercio maritimo, pois que esse nunca mais deu, por exemplo a Bordeaux e Marseille, uma preeminencia mercantil sobre aquellas cidades centraes, sendo hoje sabido que o estado de florescimento que tem Bordeaux e Marseille é menos devido a sua visinhança do mar, do que a

serem os emporios centraes do commercio nacional sobre o Oceano e o Mediterraneo.

Toda essa grandeza colossal da França, toda essa prosperidade nas riquezas publicas e nas rendas do estado que assembrão o mundo, pela profusão com que se manifestam, avista desse empestido monstro que acaba de contrahir o seu governo ao qual alhirão os capitães como que se por magia se locasse a terra com a varinha de condão das fadas: avista das obras gigantescas que se emprehendem principalmente em Paris, de onde milhares de proletarios tirão o pão quotidiano; tudo isso creio que é mais que sufficiente para demonstrar que a França muito mais reduzida do que a Inglaterra a alimentar-se com os recursos de seu commercio interior, nelles achou entretanto uma fonte de cabedões, sobrepujando em exuberancia os que a Grã Bretanha não acha, tendo a seu dispor um muito mais amplo commercio externo e numerosissimas colonias: pois que apesar de tudo isso, feito o paralelo, só bastaria olhar para esse canero terrivel que corroe seu corpo social, o pauperismo em tão grande escala, para que se veja, mesmo ainda metendo em conta outras cousas, se no entanto o que parecia ter sido uma origem de males não foi pelo contrario senão o manancial de todos os bens da França contemporanea!!

A sentença economista, de que o commercio interior não assume extensão ou actividade se não a proporção do commercio exterior: a qual passava quasi como um axioma em economia-politica, quasi que igualmente se pode dizer, tendo-se em vista o estado actual da França, que achou nisso um desmentido. Com effeito isto não padecera duvida se d'ermos absoluto credito ao que mesmo nos diz um escriptor francez, nosso conec, que devido a *habilitade politica de certas nações manufactureras, que se tem subido aproveitar de ensejos favoraveis para manterem direitos a uma protecção privativa na maior parte dos mercados do universo, a que circumstancias peculiares conservão ainda no estado de um commercio passivo, tem sido impossivel a França ali sustentar com vantagens a concorrência e a rivalidade.*

Como ja fiz sentir não levarei tão longe a exigencia, muito principalmente tratando-se de um paiz como o Brasil, em uma posição ainda inteiramente excepcional, attendendo-se a sua escassez de população e capitães: mas continuando a preconiizar as grandes e manifestas utilidades do commercio interior proseguirei dizendo, que, elle goza sempre de uma maior independencia em relação a qualquer outra, bastando a protecção de um governo esclarecido no paiz a que pertence, quando esse governo calcula bem os seus proprios interesses; ou mesmo quando imprudente gasta com prodigalidade as rendas do estado e carece para resarcir seus defeitos de crear impostos e pedir empréstimos, porque uns e outros só se alimentão com os recursos do mesmo paiz, quer elle exporte ou quer elle importe, visto que sempre a importação depende no seu credito das garantias que lhe dão os valores exportados. Os lucros do commercio interior não são tão sujeitos a desastres imprevistos, nem a interrupções duraveis que uns e outros accorretão consigo as guerras, as avarias, as lanchanças, as exações das alfandegas em paizes estrangeiros; os naufragios, as polemicas com os seguros pelas difficuldades com que lutão as provas dos sinistros; finalmente, obstaculos que vem as vezes contrariar a empresa mais bem disposta, o calculo mais rigoroso e o melhor combinado, o que motiva que um fatal prejuizo arraste uma fallencia em lugar do ganho antolhado. No commercio exterior podem-se fazer fortunas rapidas, lucrarse muito com uma unica especulação, mas ali as alternativas são mais arriscadas, e por conseguinte com uma só perda tambem pode precipitar-se para sempre no abismo da insolvencia o malfadado especulador: exemplos disto, e muitos desgraadamente tivemos nós sobre tudo na epocha do frenesi da trafico africano. No commercio interior é facto que

são as fortunas mais difíceis de adquirir, mas por isso mesmo se tornão mais seguras, estáveis e feras; são sempre menores as perdas e mais susceptíveis de previsões os azares; por conseguinte mais fáceis de se evitarem. Intelligência, economia e actividade são os preceitos do commercio interior, os quesitos requeridos em quem o exerce; para o exterior exige-se mais o animo do jogador, ou antes o impeto dessas paixões frenéticas que instigão o homem a sacrificar as eventualidades do acaso, a uma carta ou em um dado ou seu presente e o seu futuro; pois que o commercio exterior estando a merce de todos os paizes, aonde a fortuna o chama sujeita-se constantemente aos caprichos de sua incansavela.

Muitas mais considerações poderia exhibir para abonar as conveniências que em summo grau resultão para um paiz, de nelle proteger-se e animar-se o mais possível a criação de muitos mercados interiores. Nos Estados Unidos, entre esse povo eminentemente laborioso a quem o trabalho de todos os generos tem feito conseguir progressos rapidos e gigantescos em tão poucos annos na senda da civilisação; foi ainda ha bem pouco tempo objecto de um dos principaes topicos da mensagem ao Congresso, feita por um dos presidentes da União, a recomendar com intimativa aquelle objecto como uma das necessidades mais urgentes a satisfazerem-se, e uma das materias mais dignas da attenção e da solicitude do governo. Ráscio finta-se nos Estados Unidos para semelhante cousa merecer toda a consideração, pois que tendo-se ali, por exemplo, desdehaudo até 1797 o commercio interior dos estofos de algodão, dessa epocha para cá tendo-se no paiz manufacturado os algodões comprados em rama, nisso só acháram os Americanos um lucro de sete vezes o seu valor, e já em 1809 esse commercio tornado interior consumia 110 milhões de libras de algodão dando que fazer a immensos operarios e inessantes lucros a uma infinidade de mercadores. Mais factos poderia ainda citar, porém os limites em que de necessidade me tenho de circumscripto, a inibem; por conseguinte concluir o que tenho a dizer sobre o topico em questão, ponderando que é principalmente a unidade do commercio, a conjuvação reciproca do commercio interior prestada ao exterior, e vice versa, o que constituem a sua grandeza e prosperidade, e promovem todos os beneficios que lhes são inherentes. Disso resulta que um e outro devem ser indivisiveis, que devem existir entre ambos laços e relações muito intimas, porém tendo-se sempre em vista que é sempre necessario, que de alguma sorte é mister que o commercio interior tenha feito previos progressos antes que a invasão do exterior tenha lugar; este não deve suprir qualquer povo senão na parte em que lhe escassearem proprias produções, mas sobre tudo não deve principiar a exercer a sua acção, a ser possível, senão quando todas as industrias locais estejam completamente desenvolvidas e todos os recursos de um paiz aproveitados e protegidos, para se poder, fazer face sem esgotamento de forças as exigencias dos mercados externos.

O commercio interior é tambem além do mais, sempre um poderoso meio de moralidade, porque elle coopera mais directamente para o bem estar geral de uma nação; visto que emprega um maior numero de individuos; augmenta a divisão do trabalho, e não arrebatda a patria e ao amor da familia o olhar domestico tanto os homens dando-lhes por conseguinte mais apego as virtudes sociais e as instituições do seu paiz. Outro sim as vantagens do commercio interior, tanto mais devem ser attendidas quanto as do commercio exterior ameaça ser degradantes. No estado da divisão extrema das propriedades, consequencia necessaria da propagação das idéas democraticas que cada vez mais invadem o mundo, e entre nós muito mais pela extensão dos vinhaes e da lavoura marçales, o resultado deverá ser o augmento da produção em todos os generos de industria, por que a lavoura

ao trabalho e consequencia necessaria do amor da propriedade, do desejo e incentivo da fruição das commodidades e do luxo. Por toda a parte portanto cada paiz produzindo tudo quanto couber nos limites de suas forças materiales e naturaes, recusará receber os productos identicos vindos de paizes estrangeiros, almejando ao contrario achar mercados para os seus; e então, talvez que ainda se de a epocha em que quasi todas as nações correndo a flux com toda a especie de artefactos de lavra propria, similhãdo reciprocamente de se entriquecer umas a custa das outras. Os lucros tirados da exportação, e diminuição de certo sensivelmente, mas tambem os havidos pelas transacções dos generos e portados, logo que esses não forem de primeira necessidade soffrerão muito maior desfalece; isto sem duvida, trará consigo uma paralyisação para as grandes especulações, evitara que se façam fortunas colossaes, porém contribuirá para que ellas se repartão entre um maior numero de individuos e se mantenha mais solidamente a ordem e o equilibrio social.

Como todavia, muito longe ao que parece, deve estar ainda mais semelhante epocha, e que não deixa de ser verdade por agora, relativamente a maior parte dos paizes que se não achão collocados nas felizes circumstancias da Franca, dispondo de solo, de braços e de innumeros recursos em todas as cousas a disposição; como não deixa pois de ser verdade que o commercio interior por maior extensão que possa ter, tem sempre por limites os que demarcam os de cada nacionalidade, no entanto que o exterior não tem outros senão os do mundo; que elle e ainda a grande alavanca das riquezas publicas e das rendas dos estados entre todos os povos importadores; que elle excita e convida os homens a produzirem o superfluo a que a exportação da o valor do necessario entre as nações estrangeiras; forçando assim todos os paizes a uma produção superabundante, e promovendo por intermedio de continuos cambios a circulação de immensos capitães que sem embargo dos obstáculos do tempo e do espaço, arremessa por intermedio d'um jogo magico de palavras escriptas, em todas as praias do globo, tendo hoje a sua disposição alem da força expansiva do vapor a velocidade fulminante do telegrapho electrico; outro sim estabelecendo as relações dos povos uns com os outros, engrandecendo com isso cada vez mais a orbita social; entretendo por este modo o movimento perfectibilizador por acções e reacções mutuas que alargão o circulo das idéas, amplião as concessões do direito das gentes, liberalizando as instituições sociais; pois que assim como o commercio interior é um grande motor de moralidade, o commercio exterior o é de civilisação; por isto tudo, não só os governos devem dar a ambos os commercios uma igual protecção como que os individuos a quem a fortuna e o talento deu os meios de poderem fazer com que um e outro prospere colligando-os, e favorecendo suas reciprocas dependencias sob o ponto de vista em que acabo de considerá-los, para que de sua alliança possa provir a ventura de uma nação; esses individuos se tiverem o amor real do seu paiz não devem pois desprezar ensejos de fazer com que semelhante alliança tenha lugar; com ella conseguirão vivificar e engrandecer tudo o mais; seus laços, suas relações intimas mutuamente se fortalecerão; destruídas ou desenheladas, não conjuvadas nestas circumstancias seria pois adullerem a natureza do commercio, enfraquecer a sua potencia, portanto exaurir a origem da industria e da riqueza das nações.

Conscios da necessidade absoluta de se satisfazer portanto semelhante exigencia, passarei agora a occupar-me com a descripção dos factos que irão revelar, que, no Brasil — a intelligencia tinha menos pressado semelhante exigencia; que finta finta de facto me no delicto tão vital objecto em questão de tanta importancia a qual julgo que o Sr. Barão de Mauá deu o devido valor conforme disse. Com effeito lançando um olhar d'olhos retrospectivos a parte historica da nossa commerciação

desde a epocha em que elle iniciou sua existência ate mesmo a actualidade; poder-se-ha apontar, quer por effeitos de uma protecção, e legislação administrativa adequada, quer pela acção intelligente unitaria do nosso corpo commercial, poder-se-ha apontar a existência de um systema mercantil methodicamente organizado, e de accordo em sua pratica com principios scientificos e theorias esboçadas pela experiencia e sancionadas pela adhesão dos factos? por sem duvida, creio que não.

Consultemos o passado e analyse-se depois o presente para interrogar um e outro a tal respeito, pois que assim é mister, para que se não diga, que de leve se julgão as cousas e os homens; e se inventão adrede necessidades e circumstancias para tributar enomios a alguns delles offendendo a susceptibilidade de outros, embora não com o intuito de irrogar censuras pessoais, de que espero ninguém me accusara, pois contra tal accusação desde já protesto.

Continua.

LUIS ANTONIO DE CASTRO.

### Inauguração do Imprimi caminho de ferro de Petropolis.

Bem que o facto da inauguração do caminho de ferro de Petropolis já se tivesse realizado ha algum tempo, reproduzimos de proposito este artigo traduzido do — *The Illustrated London News*, — por que não nos podemos subtrahir ao prazer de ver que merecem do estrangeiro seria attenção os progressos do nosso paiz; e julgando que do mesmo modo opinariam os nossos leitores, passamos a apresentar a descripção da mencionada inauguração.

Foi a 29 de agosto de 1852 que S. M. o Imperador do Brasil trancou sobre o chão de seu paiz o sulco por onde devia trilhar o primeiro caminho de ferro construido em seus dominios. Jadesta interessante noticia demos conta no nosso jornal de 6 de novembro do mesmo anno: cabe-nos agora relatar o complemento da obra então projectada. Esta apenas concluida a parte da estrada, que vai do porto de Mauá, em frente da bahia do Rio de Janeiro, a haza da confluecia de montanhas, que correm parallelas a costa, devendo continuar até o Rio Parahyba, e finalmente até S. Francisco a realisação de tão gigantesca empreza, de tantas e tão bem fundadas esperanças para o paiz.

A inauguração deste caminho de ferro, que tanto promette para o futuro, teve lugar a 30 de abril com as ceremonias e solemnidades, que a importancia de semelhante facto reclama.

As tendencias progressistas, e capreço que os brasileiros ligão a toda a sorte de melhoramentos materias forão nesta occasião altamente manifestados; e agora que por si mesmos testemunhãram as vantagens das vias ferreas, aproveitarão fervorosamente os recursos, que promette a vasta extensão dos fertis terrenos de seu paiz, até então absolutamente desaproveitados.

Logo pela manhã cedo partirão da cidade do Rio de Janeiro barcos de vapor, e faldas carregadas de curiosos passageiros, que ansiosos anhelavam tocar em Mauá antes da elegada do SS. MM. II. e da Corte.

A hora marcada atracou o vapor que conduzia SS. MM.: uma girandola annunciou o seu desembarque; bandeiras de diversas nações fluctuãno nos ares; estrondosas simulações fazio-se ouvir de mistum com os acordes de uma musica marcial. Duas longas alas de pessoas notaveis do Imperio tinhão-se posto na ponte, almejando, como prova de homenagem, beijar as angustas mãos de SS. MM. II., na occasião de passarem.

SS. MM. forão recebidos pela elite da corte e milhio de ferro, e a multidão logo depois no lugar, que lhes estava destinado. Um das grandes cascas do ferro finta sido preparada com galerias para se contida os espectadores, ficando no centro collocados os thronos do Imperio e da Imperatriz, a capital e a cidade de São Paulo de celebrat,



e finalmente os logares para os ministros d'estado, e corpo diplomatico.

Quando os Augustos visitantes tomarão o logar que lhes tinha sido reservado, começou o ceremonial da benção das locomotivas executado pelo Bispo, e Clero, ao som de uma musica solemne e appropriada ao acto.

As locomotivas, que tinham estado á espera na estação, partirão então, uma como guia, a cargo de Mr. E. B. Webb, engenheiro da companhia; outra guiada por Mr. William Bragge, engenheiro em chefe, puxava um trem de carruagens, uma das quaes tinha sido sumptuosamente ornada para a Família Imperial, e para os ministros.

O Imperador e a Imperatriz foram conduzidos aos seus carros pelo Sr. Ireneo Evangelista de Sousa, creador e presidente da companhia das estradas de ferro: as outras carruagens occupadas por numerosos convidados partirão por entre estrondosos — Vivas — de uma multidão attonita e cheia ao mesmo tempo de enthusiasmo. Seguiu o terceiro carro, a cargo de Mr. Charles Boffe, que foi o construtor do telegrapho electrico deste caminho de

ferro. Piquetes de guarda nacional estavam dispostos com intervallos regulares ao longo da linha; e todas as eminencias apinhadas de espectadores.

A chegada do trem ao Fragozo foi saudada com uma girandola: SS. MM. e a sua comitiva apearam-se, e tomarão alguns refrescos; voltando logo depois da mesma maneira para Mauá, caminhando o trem em algumas distancias na razão de 35 milhas por hora.

O Imperador e a Imperatriz tendo-se apeado manifestarão expressamente a viva satisfação de que se achavam compenetrados, e a agradável impressão que lhes causara o novo meio de viajar.

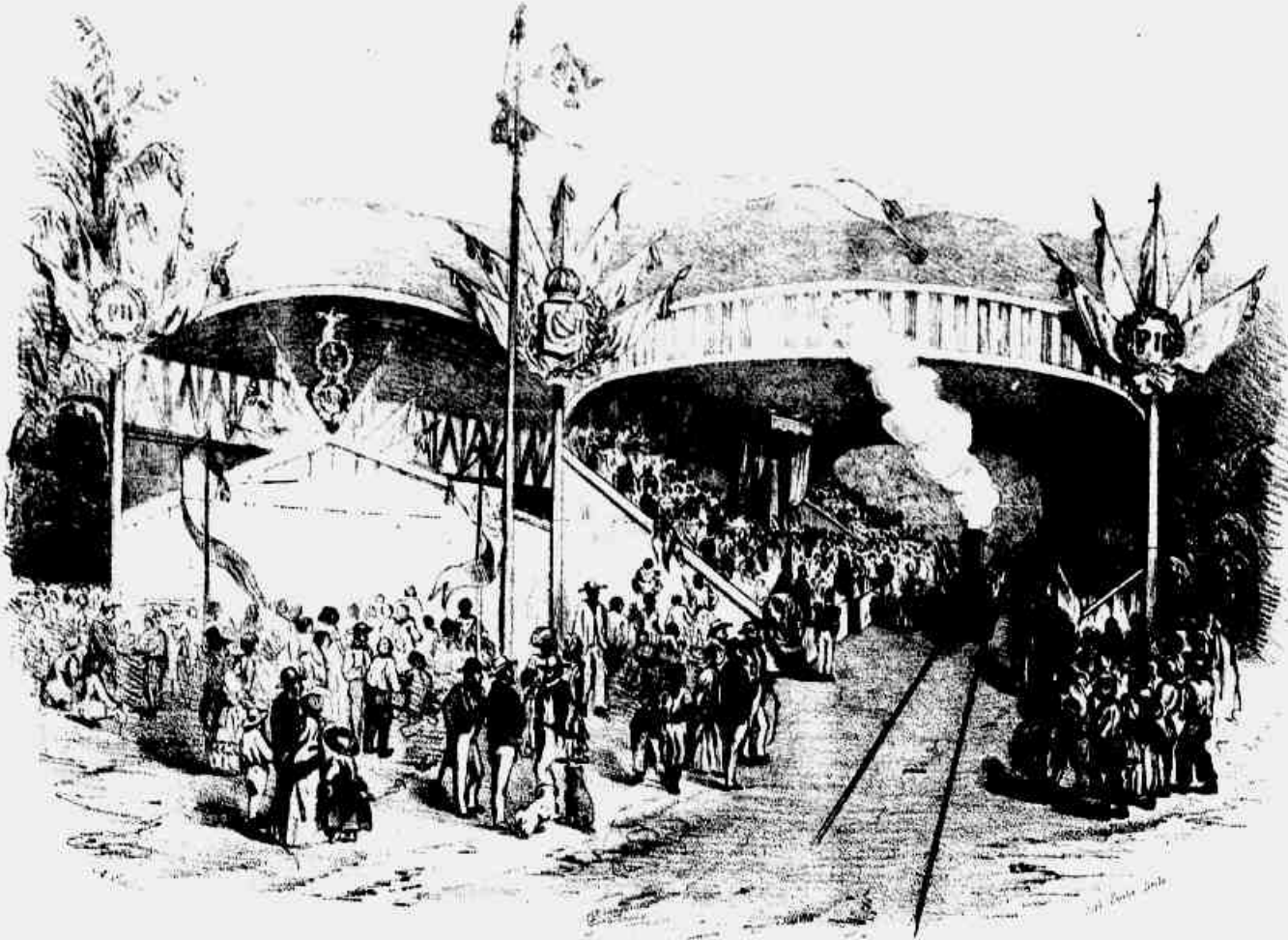
O empresario do caminho de ferro dirigio-se então á S. M. o Imperador, e discorreu eloquentemente sobre as vantagens que as estradas de ferro trarão ao imperio, accrescentando: — Este caminho de ferro, Senhor, não será destinado a circumscrever-se dentro dos actuaes limites; e se me é lícito contar com a protecção de V. M. Imperial, elle certamente não terminará sem que a sua mais vasta Estação seja collocada na margem esquerda do Rio das Velhas. Ali se accumulário,

para serem transportadas ao mercado do Rio, essas immensas massas de produção, com que contribuirá para a prosperidade publica o paiz banhado por essa importante arteria fluvial do Rio de S. Francisco. Será então, Senhor, que a magestosa bahia, cujas aguas banhão as costas da capital do imperio, verá seus espaçosos e abrigados ancoradouros cobertos de innumeráveis navios. Então, Senhor, será o Rio de Janeiro o centro do commercio, da industria, da saúde, da civilisação, e da força, nada tendo que invejar á logar algum do mundo.

S. M. dignou-se responder: — Os Directores da Imperial Estrada de Ferro de Petropolis, e da companhia de Navegação a Vapor podem ficar certos de que nutro não compartilho menor regosijo no começo de uma empresa que tem de animar tão grandemente o commercio, as artes, e a industria deste imperio.

O Imperador conferio nesta occasião ao Sr. Ireneo Evangelista de Sousa o titulo de barão de Mauá, em reconhecimento dos serviços prestados á sua patria.

Acompanhado pelo Sr. barão de Mauá, e pelo



engenheiro em chefe, Mr. Bragge, S. M. inspecionou então as obras da linha, e examinou com minuciosa attenção a construcção das locomotivas.

Uma divisão da estação tinha sido decorada, e preparada para um banquete, em que o Imperador e sua comitiva, assim como os cidadãos mais graduados devião tomar parte; entretanto outros trens partião para entretenimento dos espectadores.

Quando reflectirmos que as obras deste caminho de ferro foram executadas no curto espaço de vinte mezes, debaixo dos ardentes raios de um sol tropical, e á tão grande distancia de Inglaterra, não podemos negar louvores áquelles que se empenharam para semelhante obra. Felicitamos sinceramente nos Brasileiros pelo nobre espirito que de sen-

volverio no começo desta empresa nacional de tanta magnitude.

Mr. Bragge foi condecorado por S. M. o Imperador com o titulo de Cavalleiro da ordem da Rosa.  
L. O. LOPES PIMENTA.

## POESIAS.

### Lágrimas sentidas.

Dorme.....  
Soubo fallar da tímida esperanza  
Não interrompa teu dormir profundo,  
DR. OCTAVIANO.

Fendi no horror das trevas desta vida  
Minha pallida estrella de ventura,

— O unico pharol que me guiava  
Baqueou do horizonte á sepultura.

Al! que malicia luz perdeu minha alma!  
— Neste exilio de amor abandonado  
Tão moço o coração desfalceou-me...  
Quanto...quanto por ella em bel charado!...

Si e de pranto de fogo em que eu me extingo  
Podesse-lhe banhar o frio leito,  
Talvez o reanimasse...e sob a lousa  
Ainda palpittasse o ardente petto,

Na ultima morada em que descança  
Minha alma esvoaçando lida a procura,  
Mas nos braços da morte só enco: tra  
Um cadaver: meu Deus! que desventura!...

Vita e morte!... no valle das dobras  
Meu pobre corpo pudera amoldar;  
O ponto de da morte abrindo as asas  
Para o pó do sepulchro a fugir, amoldar...

Até ao fim podia a um triste ponto  
Facil e do affecto ao respeito e ao pó,  
Mas a morte não deu a essa esperança,  
E do mundo para sempre a foi perdida.

Se eu pudesse encontrar lá aqui na terra  
De quando em quando a minha vida;  
Mas a morte não deu a essa esperança,  
E do mundo para sempre a foi perdida.

F. J. BIFFENCOURT DA SILVA.

## BELLAS ARTES.

### 1. architectura official.

L'architecture est un art de exaltation, de sentiment et de choix, ou chaque idee de l'artiste vient prendre un corps, et se peindre dans la forme que prennent les divers matériaux arrangés avec l'aide ou la pompe qu'il leur prescrit, afin de nous étonner par un magique ensemble.

L. D. em 1842.

A architectura que, como se sabe, nasceu da necessidade que tinham os homens, constituídos em família e sociedade, de se abrigarem do rigor das estações, da saibida das tempestades, appareceram simples porém tão magestosa e grande, como a natureza que ella imitava. Alguns annos depois os conhecimentos que apenas nascidos multiplicavam-se crescendo com uma rapidez electrica, fizeram aperfeiçoar os primeiros edificios, embelezando as novas edificações que produziam de modo a encantar os olhos e o espirito, porque esses humanos archetipos concebendo pismos as execuções, quasi phenomenos, para apressar os tempos e símbolos de admirar para a de Deus regularisaram publicamente essas massas gigantescas, detalhando com pismosa minuciosidade as ordens que desde modo enegavam a estibelecer.

E assim devia ser: porque o aperfeiçoamento geral de todas as ramas de sciencias e artes a que então se dirigiam os homens de estudo não podia ficar estacionario para a architectura, que nesse tempo principava a mostrar suas mil arcadas e columnas, seus balcões e cornizes com que já ella se dispunha a narrar os honras e atos dos rainhos e heros de todos os países; não podia realmente estacionar-se para esta sublime arte que devia mais tarde produzir o templo de Minerva, os Propylaios, o Nero, o templo de Júpiter Olympico, de Palmira, de Vesta, o Pantheon, S. Pedro, Val de Grace, Santa Genevieve, S. Paulo, etc., fazendo surgir conjuntamente nos olhos do mundo, que também começava a apparecer, homens notaveis como Phidias, Diphilos, Vitruvio, Callimaço, Alberti, Bramante, Fontana, Serlio, Bramonti, Palladio, Vignola, Scamozzi, e tantas outras como estes, poetas e creadores de pensamentos que ainda hoje através de seculos nos vem falar do passado patenteando-nos a creença, a fé, os dogmas desses tempos de enthusiasmo e fogo em que só o coração servia de bussola para guiar o sabio ao caminho da verdadeira gloria, — a posteridade...

A necessidade pois somente criou a arte, e ainda só as necessidades de cada povo obrigaram os architectos a adaptar a arte aos costumes e precizes essenciais de cada sociedade, creando-a segundo a natureza e o clima em que viviam, dobrando-a de modo a satisfazer essas necessidades geradas da materia e do espirito; e foi por isso só que cada nacionalidade criou o seu typo original, o genero o o gosto que lhe era peculiar.

A architectura Chinesa, a Arabe, a Indiana ou Turca, a Grega, a Romana, etc., confirmam de um modo assaz eloquente o que acabamos de afirmar. Denais o Gothico, o gótico arabe, sarraceno, barbaro, gótico lombardo, normando, saxonio, allenão, etc., etc., todos distinctos, todos diferentes servem bem para provar o que vimos de dizer, porque,

ainda que de um mesmo genero, diversificão sensivelmente.

Por estas ligeiras demonstrações, que para mais não nos concede o pequeno espaço de um periodo, pode-se bem conhecer que a marcha que levamos vai errada e que não havemos ainda até hoje dado um unico passo nem mesmo em direitura ao caminho do progresso artistico, ao da nacionalisacão da arte, fazendo nascer a architectura nacional Brasileira, donde devem então surgir todas as outras bellas artes que sem ella não podem florescer.

De que nos valeria termos um Horacio Vernet, um Minardi ou Tenerandi se não temos saloes para pendurar seus quadros, se não temos nichos nem pedestaes para as suas estatuas?...

Si Deus nos houvesse cedido um Miguel Angelo, um Raphael ou um Ticiano não nos teria feito mais do que um pequeno favor dando-nos um homem intelligente, porque embora a voz do genio o animasse ao trabalho creador, a concepção original elevada e magestosa, a indifferença dos nossos contemporaneos, o desprezo d'aquelles de todos que não entendem a arte, mata-o-hia de desgosto e só teriamos depois para registrar nas paginas da historia da nossa patria mais um nome desgraçado que a postergação enegrecera, mais um epicedio entoar.

E isto é verdade!... E o governo que deve attender para estas misérias que deve velar sobre as artes porque d'ellas depende todo o desenvolvimento da nação, deixa-as morrer de fome e a miséria, ao desamparo official, porque os pobres artistas além de não ter onde trabalhar desenvolvendo o seu genio e o que aprenderão, quando empregados pelo municipio, são remunerados de um modo que converte a ao mais modesto operario...

Custa a crer, mas é verdade: paga-se a um filho da nossa academia das muzas menos do que a um soldador de canos!!! menos do que a feitores de obras... E assim que o governo quer o progresso das artes, e para isto que se fazem reformas e se criam novas cadeiras de mathematicas, sem que ao menos o pobre mancebo que vai ser artista veja uma luz ainda mesmo de pallida esperança que o anime a ir perder sem proveito, como tantos outros, o seu precioso tempo, a sua moralidade que empregada n'outro mister lhe proporcionara meios de subsistencia condignos do viver do homem intelligente?...

Não temos nada que mereça as honras da innovação, de bom; nada que nos ponha em paralelo com a nação menos artistica da Europa; e vamos tão utanos deste nosso viver sem arte que faria corar de pejo ao Egyptio, ao Grego menos artista se por ventura aportasse aos nossos CAESARES...

Não nos chamem de pessimista, não; a conservação da Camara temporaria no edificio da cadeia primitiva, o Palacio Imperial n'uma habitação particular unido ao ex-convento das carmelitas, a Bibliotheca publica, as Igrejas do Carmo, Lampadosa, Sacramento, Senhor dos Passos, etc., a Escola Militar, a Secretaria do Imperio e a da Justica, a Alfandega, a Camara Municipal (a nossa Camara Municipal) o Senado, o Musco; — o celebre Musco das empreitadas — são provas demasiadamente energicas para corroborarem nossa opinião. No entretanto, outro devia ser o estado d'essas construccões; o aspecto da capital deste Imperio riquissimo não devia ser mesquinho e pobre como é, porque antes da sua independencia já o Rio de Janeiro se havia enriquecido de capacidades illustres que se tivessem sido aproveitadas, teriam alomoseado o que hoje está disforme e melonho!...

Quando o sabio governo do Conde da Barca mandou a Europa buscar artistas para a fundação do seu lyceu ou academia, teve por certo em consideração o embelezamento da capital e de todo o Imperio; pois que o engajamento do Sr. Grand-Jean de Montigny, architecto francez, que havia sido pensionista do seu governo em Roma, e a sua união a essa colonia artistica assim nol-o attestão.

A chegada desses artistas ao Brasil devia ter

marcado uma nova epocha, que se distinguisse da colonial decrepita, pelo desenvolvimento das industrias, da intelligencia e pelo augmento de civilisacão, consequencia dessa importação; mas a ignorancia caminhou impavidamente com toda a protecção, e os homens do bello descreeram da sua missão gloriosa, pois que os rasgos do genio e as concepções do espirito, pedem grandeza e expansão e não podem ligar-se ás regras do servilismo criadeco que aqui se exige do artista.

Apesar dos bons desejos do governo do Sr. D. João VI. a idea de tornar o paiz artistico extinguiu-se, e o espirito ambicioso veio substituí-la.

— As artes de bellas, tornaram-se feias — non-rendas, e hoje uma ignorancia aventureira, audaz e estúpida, accumula todas as edificações, toda a arte, patenteando seu arrojo nesses abortos de pedra e cal, nesses attestados de atrevido charlatanismo!

O Sr. Grand-Jean, esse homem eminentemente sabio, esse outro Palladio, morreu, e apenas tres ou quatro obras nos dizem que viveu no Brasil um architecto: a antiga Praça do commercio, reduzida depois a sala de abertura da alfandega, a Academia das bellas artes e mais uma ou duas habitações! Mais de mil differentes composições idealisam a aquelle gigantesco espirito, e tudo ficou sem realisacão: ali existem hoje no archivo da sua Academia como em deposito, para servir de pasto aos vermes.

— Alguns moços desejosos de gloria, ávidos de vencerem os obstaculos que se oppoem ao desenvolvimento da sua terra, ligaram-se ao Sr. Grand-Jean, estudaram nos seus trabalhos, ouviram seus conselhos, suas regras e eis o que nos resta; mas se a indifferença é contagiosa, e compacta como está mata o mais corajoso, o que se pôde esperar desses jovens?... Hum desanimo absoluto e o caminho franco aos hardidos charlatães, como já se vê por toda a parte sem consideração nem para os artistas que ainda restão, nem para com o publico em geral, pois que até o proprio governo lhes entrega as suas melhores obras que são depois reconstruções novamente a novas expensas da nação!

Alguem que amava do coração o engrandecimento das artes, e o melhoramento dos filhos da Academia, obteve do Sr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, então ministro do Imperio, a admissão nas Obras Publicas da corte, de dous dos discipulos do Sr. Grand-Jean. E de que valeu essa medida? Abriu-se um concurso, escolheram-se dous moços para ficarem longo tempo na expectativa sem saberem d'onde vinha a opposição a seus despatchos, e portanto o obstaculo ao aumento pelo trabalho. Em 1850 pela retirada dos primeiros architectos o governo do Sr. visconde de Monte-Alegre mandou abrir outro concurso em que tomamos parte e no qual fomos escolhido para o primeiro desses logares...

— Sentimos ter de parar no ponto mais importante das nossas observações, do estudo da architectura official, da fonte principal do mau gosto dessas obras, sentimos ter de lancar um véu sobre a nossa importancia ali... a modestia ou resentimento a isso nos obriga: o que quer que seja, *silentium verbis facundius*.

A imaginação dos mancebos é amante do magestoso e o seu alimento é a actividade; por tanto está claro que só a pobreza os obriga a essa vida estéril e sem futuro, a essa posição ficticia e mesquinha...

A inercia é a morte da intelligencia, e o artista peido de produzir acubra por materialisar-se, por circumscrever-se sem vontade ao mando dominante. A soberania do genio é avida de culto e de gloria, e isto só se obtém pelo trabalho e pelo estudo esforcado e assiduo, mas que entre nós nada vale porque é inutil.

Poder-se-hia dizer sem medo de errar que entro nós mais vale ser charlatanisticamente estúpido do que applicar-se ao estudo, serio e regular, afim de obter um fundo de conhecimentos uteis: pois que sem protecção nada obterá ainda que seja inimitalvel na sua especialidade.



E com tudo ninguém ignora que o paiz no qual os conhecimentos artisticos não occupão o primeiro lugar, não pode proseguir por longo tempo na via do adiantamento e da moralidade. Ninguém ignora que das bellas artes nasce o progresso de todas as industrias, que ellas modificão os usos barbaros e grosseiros e que apesar de despendiosas em principio rendem ao Estado não pequenos cabedões.

Das bellas-arts está dependendo todo o progresso deste paiz, bem como d'ellas depende o progresso de todas as nações, e não é maltratando-se brutalmente aquelles que as estudam, que se animão a soffrer a impiedade e o desprezo de um povo bisonho em taes materias, que o governo alcançará o que diz pretender com a sua reforma academica, pois o mal artistico não pario d'alli.

— A queda das artes em Roma, n'essa tão soberba Roma, diz um historião, fez-a perder sua sabia influencia e gloria, e se hoje vive e dos fulgores do passado. O delexo e o esquecimento das artes e sciencias em Athenas, precederam a sua morte: as edificações, o trabalho util, as composições bellas da arte, foram substituidas pela incuria, por estofos dedicados à voluptuosidade desmoralisadora: a miseria succedeu a riqueza!

Uma invasão de lojais e habitos veio confundir sua sabia originalidade, e seus herões morrerão de dor e de miseria vendo Sparta progredir pelo trabalho e pela honra. — Athenas morreu e morreu tambem como Roma para nunca mais resuscitar...

Si como temos mostrado os monumentos nacionaes, as obras primas da sciencia são os thermometros por onde se avalia o gigantismo de um povo, o seu estado illustrativo, porque não se hade entre nós, acolher como merece, essa linguagem universal que fallam todos os homens, que revela a posteridade os conhecimentos de uma geração nos seus caracteres hierogliphicos, tão fortes, que como o Colheir, supportor os barbaros e como o Pantheon a queda de Roma a vetusta? Porque não se hão-de estabelecer regras pelas quaes o architecto seja considerado para as construcções civis o que o medico para o corpo, o que o sacerdote para a alma?...

Pois o povo que copia tudo o que é fútil não ha de um dia imitar as leis que as nações mais sabias hão posto em pratica como necessarias para seu aperfeiçoamento?...

Ainda não é tempo de se acabar com esses sacrilegios abusos de *leis-civilisatórias* que presidem sempre à construcção de nossas habitações? Não bastão já esses corpos de delicto que a gente d'alem mar introduziu no espirito edificativo que horrorisa, que envergonha? Teremos sempre essas portinholas de seis palmos, esses domicilios sem elegancia, macaqueados dos castores, que não dão a menor idea do bello artistico; esses *rinde palmos designados para lei municipal, como a altura mais apropriada para as habitações de um paiz abençoado pelos ardores do sol tropical*?...

Estas misérias de construcção devem desaparecer, porque os homens que estudam querem o acolhimento e o trabalho que lhes é devido e que ha tanto reclama o paiz. E' preciso que se attenda a este ponto, porque o povo que adopta o governo representativo, sujeita a sociedade aos principios beneficiadores, requer as vantagens inalienaveis que existem sob essa forma de autoridade, quer que o talento seja acolhido como um meio de enobrecer o trabalho popular, a industria dessa mesma sociedade.

Parece impossivel que a população benigna, que acolhe ingenuamente toda a apresentação agiologica, que ja funda associações para caminhos de ferro, que ja possui illuminação a gaz, não enlute tambem do embelezamento das suas praças, das suas ruas. Custa a crer que onde ha tanta luz, tanto sol, haja tanta abnegação para se acolherem dignamente as Bellas-Artes.

— Na época em que a França era governada por um rei que de braços abertos acolhia os artistas, quando Versailles escaneava suas portas aos esplendores maravilhosos das artes, quando as obras primas da industria vinham activar o brilho

das luzes desses salões magestosamente reaes, a arte e a sciencia andarão a passos de gigante para o seu fim, os talentos nascerão como por encanto ao aceno de seus amadores, e um sorriso concedido por Mme. Henriqueta de Inglaterra era bastante para fazer progredir o mais systemático regressista. Lebrun, Juvénat, Girardon, Piguet, Bousquet, Molière, Condé, Corneille, Boileau, La Fontaine, Mignard e outros mais attestam sufficientemente o que acabamos de affirmar. Nesse tempo, um diluvio de concepções estabeleceu uma actividade incalculavel e tudo se obtinha facilmente. Foi uma época solemne de entusiasmo, que se elevou em acções magnanimas, em engenhosos prodigios, collocando-se acima de toda a grandeza humana:

O acolhimento, que as casas de Medicis e Farnesi, prodigalisaram ás artes, fez enobrecer a Italia, engrandecendo-a de conhecimentos preciosos, de obras que a tornaram então respeitada de todo o mundo civilisado, e com as quaes ainda hoje se enriquecem os museos, academias e palacios da actualidade.

Essa antiga gloria com que, mesmo n'estes tempos, se acoberta e se apresenta Portugal, nasceu da protecção que o infante D. Henrique deu aos homens sabios do seu tempo. No seu seculo tudo foi grandioso porque a illustração, o espirito creador, tinha acolhimento e era respeitado. Ao Marquez de Pombal, pela regularidade que adoptou pela fundação de obras primas e pelas regras da arte que fez executar, deve a cidade de Lisboa o aspecto de nação culta e civilisada.

Como bem se ve, as bellas-arts são as unicas representantes das ideas dos povos: nos seus caracteres se revela a philosophia que adoptão, a crenga que respeitam e a levão a mais remota posteridade, tanto que ainda hoje os destrócos de Pompeia nos fallam ao coração, nos divulgam o espirito dos seus habitantes nessas palavras cinzeladas sobre as paginas immensas do grande livro architectonico.

Si os Egyptios e Babylonios fossem dominados pelo espirito que dirige os nossos homens, como se comprehenderião os seus habitos, seus dogmas e seus conhecimentos? A nossa ignorancia seria absoluta, porque esse povo maravilhoso teria passado para nós, como o grito do naufrago no meio da tormenta chamando por socorro!...

As nossas edificações, até mesmo as do governo são entregues a empreiteiros especuladores e aventureiros, que não conhecem a menor regra de construcção, a resistencia dos materiais, a consolidação das argamças, nem mesmo dos rebocos, a harmonia de linhas, o effeito optico, e que sómente attendem ao lucro, à imitação servil do mesquinho, reproduzindo com um vigor admiravel entre outras anomalias, (o mais terrivel dos disparates, e dos abortos) a collocação das frentes sobre acroterios, vulgarmente chamados — *plata-bandas* — horror inqualificavel que nos persegue por toda a parte, sem que haja uma autoridade (uma Camara) que vede a sua continuacão! Multiplicão-se esses absurdos, esses peccados de alvenaria, e nem ao menos comprehendem que não se devem collocar barbetes em cabecas que ja tem chapéus.

Não ha uma pedra regular em que o viajante desembarque nas nossas praças: os caes são montes de entulho, mesclados de imundiciões, e isto na capital. As melhores obras são entregues a engenheiros Ingleses e Italianos, e nada se vê que mostre a utilidade de se buscarem estrangeiros, nem a do acrescimo dessa despesa, deixando-se de acolher os que cursão as academias Brasileiras. Tudo se vai buscar á Europa, como no tempo saudoso de colonia, até mesmo os *eruditos* calceteiros.

No meio deste seculo grandioso, repleto de descobertas admiraveis, n'uma época em que a aurora da influencia espiritual começa a despontar, atirão-se como objectos despreziveis, para as salas interiores afim de não furarem o papel da sala, com alguns quadros historicos ou de familia que possuia um ou outro europeu amante das obras d'arte, substituido-os por deliciosas e romanticas

figuras de porcelana, ou modelos dos ultimos vestidos de Paris!...

E como não se hão de murchar todas as esperanças do artista? Como não se ha de aniquilar essa sombra vã que ao tocar-se desaparece e a que chamão gloria? — Gloria na nossa terra... branca nuvem das candilhas illusões rompe-a o hálito do sarcasmo ou impelle-a a morte o tempo dos sepulchros. Quantos sacrificios da mocidade abandonados, quanto affeito gasto inutilmente e no fim decepções, e no fim o caixão da amargura porque elle ainda não está esgotado, porque o homem intelligente é o martyr desta nova inquisição.

A maioria dos artistas desfallece no meio da miseria e o seu Pantheon pouco fará, porque o entusiasmo publico não passa além de palmas na sala do theatro aristocratico, não consiste senão em ir a assistir a bailes esplendidos, e nas noites de febril repouso em dar um passeio pela classica e romantica rua do Ouvidor, moralisando-se depois na compra das acções do banco, das companhias de salubridade, mineração e caminhos de ferro.

Si não houver uma mão enérgica que sustenha a marcha errada que leva o nosso povo, alargando o circulo da instrução preciza, al d'olle, ai de nós, porque se o abandono continuar como vai, si as bellas-arts não tiverem acolhimento, uma desolacão esteril sera talvez o fim deste grande imperio, e a ignorancia accumulada todas as posições grandiosas, todas as intenções, invertendo tudo... A guerra então não valera mais: a espada terá perdido a influencia como as armas dos conquistadores para com os indigenas, e entregar-se-hão a morte como mais uma prova de barbarismo, ou como um meio de acabar uma vida que lhes pesa, porque não pôde ser util a ninguém.

Não sei si erramos: o que porém não podem contestar-nos é, que a miseria, a fome, a peste, a phytica, a corrupção, o *patronato* desmoralisador, domiciliarão-se entre nós, andão por entre todos, comprimentando o rico e abraçando o pobre e que não se cuida de os desalojar, de construir habitações regulares, casas hygienicas e não sarcophagos mephiticos, não se trata de salvar essa massa eterna que tudo soffre e que se chama povo!...

E pois, já que tanto dissemos a respeito da desorganisação e atraso constructivo, do amortecimento das bellas-arts, da morte da nossa architectura, pedimos a quem compete, — ao Sr. Ministro do Imperio, à Camara Municipal, a quem tem desejo de fazer alguma cousa pelo bem da patria, pelo bem do progresso, pelo seu proprio bem, que attenda às bellas-arts, às pobres bellas-arts, que anime os moços de talento que amão o trabalho e que já começaram a desesperar com a indifferença, renegando o estudo, porque desta protecção resultará o seu proprio engrandecimento, a gloria do Brasil; e para que um dia seu nome tenha a honra de ser escripto a par dos dos magnanimos protectores das artes, dos de Leão X, Francisco I, Xisto V, Luiz XIV.

27 de Abril de 1855.

F. J. BITENCOURT DA SILVA.

## VARIEDADES.

### Observações curiosas.

(Continuação.)

Si não existissem mais Padres, as moças poderiam substitui-las, porque tambem ourem confissões auriculares, guardão o necessario sigillo, e absolvem, ou dão penitencia.

Não devia admirar a ninguém, quando moderadamente descobriam os entusiastas do magnetismo, que as mezas gyravam por si mesmas, e entendião o que se lhes perguntava visto que ja ha muito se sabe que os *bancos* tem acções.

Poucos são os noivos, que não tem o corpo bastante sujo; pois para casarem-se precisam de tres banhos.

E' pena que não haja um convento para os frades menos peccadores que conheço: que são os de *pedra*.

Ha certos jogos, em que mais vale ter *carta branca*, do que *Rei, Condé*, ou mesmo *Dama*.

Os ministros só tem um genero de accidentes moribundos a receiar: é a *queda*.

Muito compridas devião ser as mesas, que servem nas salas dos Parlamantos; pois que os seus Membros são incansaveis em mandar-lhes *emendas*.

Não sei porque razão não se tem ainda descoberto quaes são os *primos das obras-primas*.

Ha uma cousa que os doentes desejão evitar, e os militares e empregados publicos alcançar: são os *acessos*.

Acho muito fora de proposito que se chegue um homem a qualquer *moça*, e apesar de conhecei-lhe a natural fraqueza, a convide para entrar em *uma quadrilha*!

Julguei até certo tempo que só o homem era susceptivel de enlouquecer; mas hoje estou persuadido de que o dinheiro pode ser affectado da mesma enfermidade; e tanto assim é que muito dinheiro ha mettido em *casa forte*.

Existe uma classe de homens, que provavelmente devem ser thesouras; são os que formão e compõe as *Thesourias*.

Os litteratos, ainda os de melhor nota, são tambem meirinhos, quando citão os *diversos auctores*.

### Paginas de uma vida obscura.

(Continuação.)

Domingos o interrompeu brandamente e procurou levar ao seu coração algum lenitivo, demonstrando-lhe quanto a sua maneira de raciocinar era contraria aos preceitos de Christo. Mas o desgraçado escravo lhe impoz silencio por um desses gestos solennes de desesperadora incredulidade que só o escravo possue e comprehende.

Christianismo! exclama depois com voz repassada de dor.

Praticão-o os nossos tyrannos? Sentimos nós outros victimas de seus cruéis caprichos, de seu brutal dominio, influencia alguma em tal conducta havida connosco, dessa religião que dizem professão e de cujo ensino e verdades de proposito nos privão?

Ea tinha uma mulher e dous filhos: venderão-os quando menos o pensava, a differentes senhores. Minhas lagrimas, minhas supplicas só me obliarão maiores rigores.

Se a lei de Christo é, como se diz, igual para todos, se ella prohibe ao forte abusar de seu poder contra o fraco, como persegue o branco os que lhe roubão mulher e filhos, e commettem connosco impunemente um tal delicto, prevalecendo-se do direito do mais forte?! E' preciso que lhe obedecamos em tudo sem replica, sem consideração quando quer! Embora sejão nossos senhores viciosos, ludrões, assassinos, (Domingos estremeceu involuntariamente,) o escravo deve reverencia-los como arbitros de sua sorte, como se virtuosos e sanctos fossem.

Quem jámais deu rasão ao pobre escravo contra o senhor, tenha este sido um flagello insupportavel de toda a sua vida!

Agora mesmo que, desafogando com vosco a minha dor sempre contida, roubo um instante ao trabalho interminavel que me é destinado, estou certo de que lá me espera o açoute, quem sabe mesmo se.....

A voz do infeliz escravo suffocada no pranto, emudece, e tomando o seu fardo, agradeceu a Domingos por um aceno expressivo, arrancado da alma uns cobres que este lhe mettera na mão, dizendo-lhe: «tem paciencia, meu parente: o céu se abrirá sempre aos que soffrem cá na terra!» O desgraçado alongou-se sem nada responder a estas palavras de consolação.

(Continua.)

## REVISTA DA QUINZENA.

Cumpramos o nosso fado: e vamos representar de Deus Jano, que, como os meus leitores sabem, tinha duas caras, (donde concluo que a nossa época tem muitos Deuses Janos) uma das quaes olha os olhos para ver o que se passava a diante, e a outra os tinha igualmente para observar o que se fazia pelas costas: e nós na nossa alta qualidade de historiador da quinzena temos só de usar dos olhos retrospectivos.

Uma das primeiras cousas que estou vendo é o medo, e os apuros dos examinandos directores de collegios de instrucção primaria, que de certo bem longe estarião de suppor que chegasse tempo de passarem de martello a bigorna: mas lá diz o annexim *muda-se a sorte de tudo (so a minha sorte não)*: a de contador da historia da quinzena! A falar a verdade, é uma cousa um pouco desengracada: mas estamos no tempo do progressa: e é bem bom que tudo se aperfeicue: e eu que estava com tenções de montar tambem um collegio-monstro, que já sonhava com a receita produzida pela verba — Pensionistas — (já se sabe do collegio, e não do estado, porque estes estão encaixados na despesa) fico olhando às estrellas, porque de exames não gosto nada, nem mesmo os de consciencia: paciencia: excogitarei outro meio de ganhar a vida, que é o que não falta neste rico Paiz: e o ponto está em que haja animo, e vontade decidida de trabalhar: que são justamente as duas cousinhas que ando procurando, e que tenho toda esperanza de achar, porque não são nenhum brilhante monstro, que apparece como raridade. — Mas ah! que estou já com a vista cansada, e em quanto descanso darei aos meus leitores a noticia da installação de uma sociedade protectora das viúvas desvalidas: idéa que julgo eminentemente philantropica, e que faço votos para que se realice plenamente: pois neste tempo, em que parece que todos porfião em beneficiar a humanidade, proporcionando-lhe todos os meios tendentes ao seu progresso em geral, bem cabida e louvavel é a intenção dos que se lembrão de amparar mais de familia victimas da viuvez: segundo dizem os jornaes essa idéa partiu de um sacerdote, e melhor, e mais adequada ao seu fim não podia ser: porque o ministro do altar é certamente o homem da caridade. — Ao passo porém que se installa uma tal associação, com fins pacíficos, e protectores, (como são as cousas deste mundo!) abre-se a escola de applicação do nosso exercito na fortaleza de S. João! Uns rennindo-se para salvar, outros para estudarem a matar! Mas ambas as cousas tem seu lado de utilidade: e eu apezar de toda a minha tendencia pacifica não esconjuro a guerra, pois entendo que ella é como a cirurgia, que corta, e derrama sangue para evitar mal maior. O acto da abertura desta escola foi honrado com a presença do nosso Monarcha, que nunca falha em tais occasiões, apparecendo sempre como protector nato de todas as empresas, que tendem ao engrandecimento de seu paiz. Agora que estou já melhor da vista não posso deixar de dizer-vos que vi uma cousa muito bonita, e é a primeira folha impressa do poema do nosso patrio Dr. Magalhães — *A Confederação dos Tomyos* — edição rica, salida das officinas do nosso

incansavel e benemerito artista, o Sr. F. de Paula Brito, tão conhecido no Brasil pelo zelo, amor e dedicação consagradas à engenhosa arte de perpetuar o pensamento e a palavra.

Este artista de reconhecido merito, que nada tem poupado para o engrandecimento da arte typographica acaba de depositar nas augustas mãos de S. M. o Imperador uma petição para que seja incorporada o mais brevemente que for possível a sua — *Empresa Litteraria* — a fim de que elle possa ir a Europa estudar os melhoramentos da sublime invenção de Guttemberg, e introduzi-los em seu Paiz: este facto concorre ainda para provar o quopoucas linhas antes dissemos em abono do arto artistico, que anima o Sr. Paula Brito. Deus o proteja em suas tão dignas aspirações, que da gloria que lhe trouxerem, participará tambem a sua patria. — E já que fallamos em Arte, e em artistas Brasileiros, citemos um nome illustre na pintura: o Sr. Nery, recém-chegado da Europa, torna-se digno da animação de seus compatriotas: distincto filho da nossa Academia das Bellas Artes, alcançou o merecido premio de seus talentos: ide ver, ide admirar um trabalho seu exposto em casa do Sr. Bernasconi. (Rua do Ouvidor) — Não ha duvida, esta quinzena é toda artistica: o nosso eximio e primeiro marceneiro o Sr. Netto acaba de fazer mais uma obra primorosa, destinada a representar na Exposição de Paris: é uma caixinha formada com pequenos pedacos de madeira de 150 qualidades, e todas do Brasil: encamenda que fez o Exm. Sr. senador João Antonio de Miranda para collocar amostras de seda brasileira do Estabelecimento Seropedico de Itaguahy dirigido por S. Ex. Felicitemo-nos por tão grande idéa: uma calva tão primorosamente feita, obra de um artista brasileiro, e as amostras de seda tambem brasileira vão apparecer nesse grande hazar industrial: já não são ramos artificiaes fabricados por estrangeiros. Caminhemos assim: e teremos consideração entre as Nações industriosas, e amantes das artes. Mas onde vou eu?! Como me hia esquecendo do facto mais saliente, mais importante desta quinzena: facto, que encerra tantas esperanças, tão cheio de futuro para o paiz! está visto que eu para ser o criptor publico, eu, (e comigo que calvava!) sahia reprovado os leitores *pelamine discrepante*. Passando em silencio a abertura das camaras! esta só me podia acontecer! mas salvei-me: lembrei-me ainda em tempo: e como não gosto de imposturas fui logo declarando que me ia esquecendo de tocar neste ponto: cousa que talvez outro mais esperto do que eu não o fizesse: pois teria logo a diplomatica desculpa de ter guardado para o fim por ser muito importante: mas eu que sou um pedaco d'asno (com perdão dos meus leitores pela *expressão*) fui logo francamente dizendo que não me lembrava. Este anno abrirão-se constitucionalmente, quero dizer como manda a nossa Constituição, no dia 3 de Maio as nossas camaras: e aquellos boatos vagos de opposição, de que vos fallei na passada quinzena, vão cada vez tomando mais vulto: estou adivinhando que ha de haver opposição: oh! se ha de haver: e senão vamos esperar até o dia 31 deste mez, que vos direi então se eu sou profeta, ou para melhor dizer, politico profundo. Ha de haver o diabo a quatro: (Deus permitta que não haja nada) discursos de metter medo, debates rigorosos: tomada de contas atrazadas, mil cousas: ainda bem que eu não sou ministro: era o caso, em que me dava por incommodado, e retirava-me para fora da cidade. Enfin: não quero estar aqui predizendo futuros: só o que vos digo, é que ha de haver trovoadas, e para não apauhar chuva, permitti que me retire. Até o dia 31 deste mez.

Beelzeção da charada da quinzena antecedente.

QUARESMA.